

O GEEMPA, UMA VIVÍSSIMA ONG

Esther Pillar Grossi*

O GEEMPA, que nasceu Grupo de Estudos sobre o Ensino da Matemática de Porto Alegre e que se transformou em Grupo de Estudos sobre Educação, Metodologia de Pesquisa e Ação sem transformar sua sigla, já revela nesta mutação sua chave de vitalidade. Ele existe há quase 24 anos, pois foi fundado dia 10 de setembro de 1970 e se apresenta hoje com mil projetos interessantes.

É uma ONG, uma organização não-governamental, que tem por finalidade a pesquisa e a ação em educação. Mas é importante explicitar logo que o GEEMPA se ocupa de educação escolar precisamente. Isto é, da educação que visa a aprendizagens complexas nos campos da ciência e da cultura, as quais não são realizadas espontaneamente no dia-a-dia, sem estratégias intencionalmente organizadas. Pois, há outras aprendizagens que correm por conta de outras instâncias que não a escola, tais como a família, a Igreja, os meios de comunicação, as sociedades civis, os partidos políticos ou, mais amplamente, os espaços físicos — natureza e cidades. Nosso Grupo de Estudos nasceu da preocupação comum de vários professores — cinquenta na Assembléia de fundação do GEEMPA — em melhorar o ensino de Matemática. Éramos todos professores desta disciplina, considerando-se que os professores unidocentes de escolas infantis (chamadas de creches ou pré-escolas) ou os regentes de 1ª a 4ª série são também professores de Matemática. Outrossim, o GEEMPA já nasceu com tendência interdisciplinar ampla, pois admitia entre seus associados quaisquer interessados na melhoria do ensino, tais como, pais de alunos ou profissionais de outras áreas.

Trabalhamos arduamente durante quase uma década voltados mais especialmente para a Matemática, ancorados em pesquisas, formando professores ou pais e produzindo textos publicados em livros, revistas ou jornais. Sobretudo, não ficamos isolados no nosso cantinho, voltados

* Do Grupo de Estudos sobre o Ensino da Matemática de Porto Alegre — GEEMPA.

para o nosso umbigo. Intercambiamos com colegas de todo o mundo, submetendo nossas produções ao crivo das considerações e das críticas de especialistas de todo o lado. Apresentamo-nos em congressos, enviamos a destinos exigentes nossas publicações e integramos grupos internacionais de pesquisa, enfim, nos associamos à comunidade científica do mundo, partindo de uma intuição, depois explicitada em assertiva, de que se aprende essencialmente na interação e na interlocução.

Organizamos Jornadas de Estudo em Porto Alegre com Zoltan Dienes, Tamãs Vargas, Claude Gaulin, Maurice Glaymann e outros, em que alternávamos o aprofundamento em cursos, com a abordagem mais ampla de uma nova pedagogia e didática da Matemática para público numeroso, bem como, pela presença na mídia a fim de garantir o apoio dos pais, dos formadores de opinião e de toda a comunidade para a transformação que realizávamos na sala de aula.

Participamos, na primeira década de vida do GEEMPA, do movimento da chamada "Matemática moderna", que tinha como foco a reestruturação da Matemática como ciência, a partir da elaboração da Teoria de Conjuntos. Pode-se caracterizar este período em termos educacionais como um tempo de depuração dos livros-texto de mil incorreções matemáticas, ao mesmo tempo que bons matemáticos passaram a se ocupar do ensino, criando atividades didáticas logicamente condizentes com os conteúdos visados, o que foi um avanço extraordinário. Papy, Dienes, Freudental e muitos outros, em quase todo mundo, fascinados também com o encanto de ensinar Matemática, provocaram este salto. Entretanto, construtivisticamente ele representava um nível sociopsicogenético da caminhada da didática de Matemática marcado por uma incompletude que era o desconhecimento do processo de aprendizagem do aluno. Há mais de 10 anos voltam-se pesquisadores para este lado, e novos aportes revolvem de maneira marcante os rumos do ensino, não só

de Matemática. Doutorados surgem em várias universidades, sobre Didática. Eles se apoiam em estudos de Piaget, Wallon, Vigotsky. Brunner e tantos mais que se debruçaram na busca do entendimento a respeito das essencialidades do pensamento humano.

Como o GEEMPA ressentiu aquela lacuna dos anos 70 e como reagiu? Voltou-se durante 10 anos, sobretudo para a área da alfabetização. E isto por quê? Por duas razões, fundamentalmente. Porque a alfabetização é o mais grave desafio da educação nacional e porque para ela. Emília Ferreiro, especialmente, tinha uma contribuição significativa sobre o processo de aprendizagem que permitia a construção de uma proposta didática levando em conta também este aspecto, para além da lógica do conteúdo a ensinar. Baseando-nos nisto é que produzimos as Didáticas de Alfabetização, que estão permitindo em vários lugares do Brasil reverter os índices de 30% de aprovação nas classes de alfabetização para 90%, o que tem uma significação estupenda.

Trata-se de uma intervenção didático-pedagógica com capacidade de fazer face a um dos mais graves atentados à democracia que é a exclusão de milhões de brasileiros do acesso à leitura e à escrita, exigência mínima para a cidadania.

A proposta didático-pedagógica do GEEMPA para alfabetização resultou do concurso, durante quase uma década, de especialistas em diversos ramos do conhecimento, tais como pedagogos, médicos, psicólogos e psicanalistas, sociólogos, antropólogos, filósofos, etc. A interdisciplinaridade da equipe, associada à convicção de que a Didática é um novo campo científico e não o mero fruto de aplicações intuitivas dos demais campos, é que está também presidindo o atual trabalho do GEEMPA para além da alfabetização.

E importantíssimo salientar que o GEEMPA se deu conta que formar professores só se faz com eficácia, se ela está continuamente alimentada por pesquisa e associada imediatamente à ação docente a que se destina. Por causa disso é que nos seus cursos, ou de Especialização ou de Extensão, exige a presença de 70% de regentes das classes a que se destinam. Eles garantem à turma o vínculo imediato com a prática. Outrossim, se não há pesquisa criando teoria, embebendo a atividade de formação de professores, esta é completamente inoperante. O *slogan* "só ensina quem aprende", formulado durante os quatro anos em que exerci o mandato de secretária de educação de Porto Alegre, tem validade profunda. Sem esta dinâmica inter-relação entre teoria e prática, a formação ou a atualização de professores não resulta em melhoria da aprendizagem do alunado nas escolas, que é a sua finalidade. Esta dolorosa constatação vem sendo confirmada no próprio GEEMPA a cada vez que nos afastamos deste princípio.

É fruto desta descoberta o Projeto "Vanguardas Pedagógicas" que vimos desenvolvendo desde 1991. Ele se realiza durante todo o ano letivo, reunindo de duas em duas semanas centenas de professores regentes de classes. Estes são subdivididos em pequenos grupos com um coordenador que se denomina supervanguarda. Teoria e prática são aí confrontadas no calor das demandas emanadas das próprias salas de aula, no seu dia-a-dia. Este Projeto é feito em parceria com a ULBRA e a PUC e recebe apoio financeiro do MEC. Eleja está em sua quarta etapa e a cada ano amplia sua faixa de atuação. Em 1994, temos 400 professores nele engajados, divididos em equipes de formação de docentes, desde a educação infantil (de 0 a 6 anos e 9 meses) até a 4ª série. E os seus resultados são animadores. A aprovação tem girado em torno dos 90%, devendo ser salientado que este projeto reúne sobretudo professores de escolas públicas estaduais e municipais, inclusive de várias cidades próximas a Porto Alegre. Nas escolas públicas, como é sabido, estão os filhos de operários de mais baixa renda, quando não os desempregados e marginalizados de nossa sociedade. Costumam sair destas escolas os

brasileiros que engrossam a cada ano o contingente de analfabetos de nossa pátria. Projetos como este, das Vanguardas Pedagógicas, apontam para uma saída do impasse em que está embretado o país na área da educação escolar. As Vanguardas Pedagógicas, bem como todas as atividades do GEEMPA, incluem visceralmente a concepção de campo conceituai que permeia em todas as dimensões os novos paradigmas pós-piagetianos. Damo-nos conta hoje que aprender é um fenômeno que engloba muito mais do que a dimensão cognitiva dos conceitos. Estes estão embutidos no espaço, no tempo e nas representações simbólicas de sujeitos reais e concretos que aprendem, os quais não podem viver isolados, porque são "geneticamente sociais". Isto quer dizer também que aprender está embebido em desejo, ou melhor, que sem desejo não se aprende. E é por isso que formar professores não acontece por convocação obrigatória. A opção desejante do professor é absolutamente essencial. E, neste sentido, as Vanguardas Pedagógicas concretizam esta faceta, uma vez que acolhem professores que nelas se engajam por decisão e iniciativa próprias. Entretanto, esta marca constituinte do ser humano de ser "geneticamente social" implica também os limites da guerrilha educacional, ou seja, da iniciativa de pequenos grupos constituídos sem o aval das coordenações mais amplamente responsáveis nas redes de ensino. Uma vontade política, legitimamente ocupando um espaço de coordenação, sobretudo nas instâncias governamentais, é um elemento

decisivo para o avanço das possibilidades de ensinar de verdade nas escolas de nosso país. Permanece, entretanto, a necessidade de preservação da democracia na adesão voluntária a propostas que estas coordenações apresentam. Pois imprescindível se faz distinguir "propor" de "impor", na área do ensino-aprendizagem.

Por último, a inserção do tempo e do espaço no ensino significa o respeito e a aproximação com o jeito como cada grupo humano envolve os conceitos que lhe são importantes. Este envolvimento singular é a fonte da sociopsicogênese de cada campo conceituai. Isto é, os níveis sociopsicogenéticos da apreensão dos conhecimentos nada mais são do que a configuração que assumem os saberes em cada grupo humano. Este são a forma como, seqüencial e existencialmente, uma comunidade se aproxima de um conjunto de conceitos que lhe são significativos. O trânsito entre saberes e conhecimentos c que constitui função específica da escola, incluindo as universidades e este trânsito pode chamar-se Didática. E proposta didática é então o conjunto de atividades que oportunizam este trânsito e que, portanto, geram as aprendizagens.

Mais do que fatos ou feitos, as idéias que inundam os grupos de estudo do GEEMPA podem descrevê-lo e caracterizá-lo. Por outro lado, expondo-as, esperamos que elas sejam provocadoras de ainda mais contatos fecundos com toda a comunidade científica de nosso país.